

OPINIÃO

The buck stops here


MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

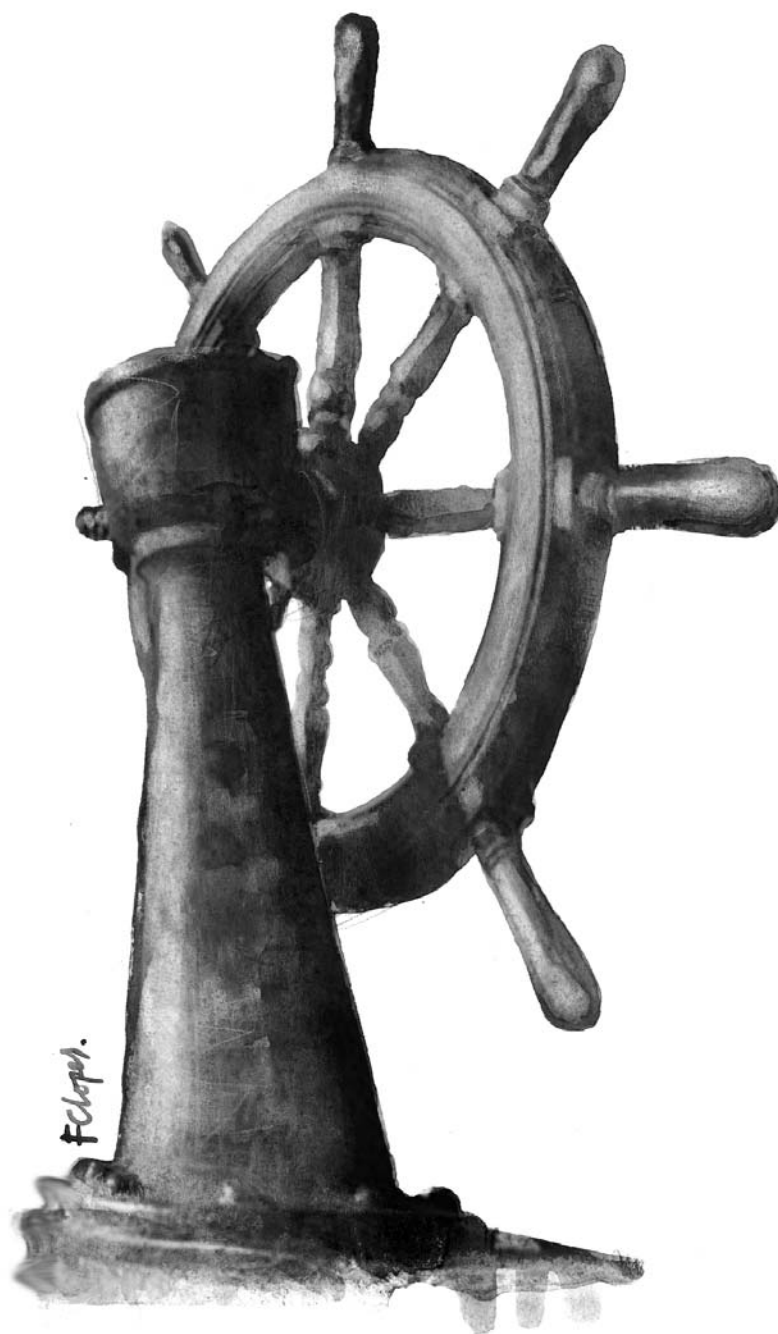
A principal característica de um bom administrador é a responsabilidade. Muitos dos que se investem nessa condição costumam lançar sobre os subordinados as frustrações e insucessos da própria irresponsabilidade. Quando se fala em responsabilidade, vale entendê-la reunida a outras qualidades inerentes e indispensáveis ao dirigente. Quem tem responsabilidade se apercebe de que as carências de conhecimento ou qualificações se suprem com a ajuda dos que sabem. É importante, assim, que quem detém o poder se cerque de auxiliares competentes para que as ordens dele emanadas se cumpram. O conceito tanto serve para o administrador público quanto para o privado.

É Henry Adams, emérito historiador americano, que, ao fazer referência aos Estados Unidos, afirmara que o presidente dos Estados Unidos "faz lembrar o comandante de um navio no mar. Tem de ter um leme para segurar, um rumo a manter e um porto aonde ir". Esses atributos são imprescindíveis a qualquer agente público, sobretudo às lideranças maiores sob cujos ombros repousam a esperança da realização do bem comum.

Nesse início de ano, certamente os brasileiros anseiam que seus dirigentes eleitos para cargos públicos, tanto no plano federal quanto estadual, dêem cumprimento aos projetos propostos e defendidos nas campanhas eleitorais. Se foram escolhidos para tais tarefas, sem dúvida é porque receberam da maioria dos eleitores a chancela para transformar em materialidade as promessas empenhadas ao longo do processo eleitoral. O que se aguarda é que cada um deles se conscientize de que tem um leme nas mãos, um programa a seguir e saiba realmente a que porto pretende chegar.

Em termos de Brasil, tem o presidente reeleito um porto de extraordinária visibilidade a alcançar. O povo lhe deu o voto de confiança para que faça o barco singrar. O mar de águas pátrias está tranqüilo e calmo. Não há sinais de procelas irreversíveis. As exportações marcham a passos largos. As reservas do Tesouro são robustas e cada vez mais promissoras. O mercado econômico mundial está com as portas escancaradas para o ingresso dos produtos nacionais. É saber aproveitar o momento e fazer o país crescer. É isso que todos querem e precisam. Para que os portos, estradas, habitação, saneamento, saúde, educação, segurança possam deslanchar, torna-se imperioso que, cada vez mais, tenhamos divisas a serem convertidas em bem-estar e progresso do povo.

A instabilidade política decorrente das turbulências do primeiro mandato ficou para trás. Silenciaram-se as CPIs e calaram-se as oposições. As conclusões das investigações pouparam o presidente de complicações in-



contornáveis, deixando-o liberto de compromissos conseqüenciais. O termômetro do Congresso Nacional indica que não há graves dificuldades a vencer. A não ser problemas rotineiros do cotidiano, nada existe nesse céu de brigadeiro que possa trazer noites de insônia.

Parece mesmo que a nação vive um dos melhores momentos desses auspiciosos últimos tempos. Não só os fatores internacionais conjuram para nossa recuperação econômica, como pacífica é a quadra em que, como um todo, presentemente se situa o país. Depois de tanto sofrimento acumulado em traumas e mais traumas de um passado de miséria e de depauperamento constantes, afinal já é hora de poder permitir sonhar. Sonhar para que a nação possa pôr os pés na soleira do crescimento.

Seria tão bom que essa expectativa verdadeiramente se plasmasse doravante em realidade. Como seria tão bom se pudesse mitigar ou, quem sabe, até dar cabo ao flagelo da fome dos que não têm o que comer; dos que não têm com que cobrir o corpo nu do frio ou da chuva que castigam; dos que se acham no relento da noite sem teto para dormir; dos que não sentem o sabor da comida que

ingerem, trôpegos, desdentados, esqueléticos; dos que padecem por falta de médicos e remédios para tratar das dores que os abatem; dos que temem pela segurança da vida contra a violência que os cerca; dos que clamam por justiça sem poder alcançá-la; dos que, de olhos vendados, não podem abrir os olhos pela cegueira do analfabetismo. Finalmente, como seria tão bom que ficasse para trás o atraso para atingir o progresso.

Que não culpem os eleitos, por falta de responsabilidade, a bodes expiatórios se houver fracasso nas promessas feitas nos palanques eleitorais. Quando Truman presidiu os Estados Unidos, pousava permanentemente sobre sua mesa uma placa com a frase: "The buck stops here". Algo como a responsabilidade pára aqui. Era o aviso a lembrar-lhe de que não repassava aos outros o que a ele incumbia fazer.

Os brasileiros foram convocados a escolher seus candidatos nas últimas eleições. Se o lema que Truman divisou para advertir-lo dos deveres encerra exemplo para todos os eleitos, não se pode deixar de aproveitá-lo para reafirmar que, em outras palavras, a responsabilidade não passa da cabine de votação. Quem escolheu mal que pague o pato.


 ari.cunha@correioweb.com.br
 com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

Festa de comadres

Está nas camarinhas a eleição para presidente da Câmara. Marcada pelo destino até na saída, a atual legislatura dá as costas para a realidade. O que deveria ser escolha do presidente da Câmara virou festa de comadres. Os conchavos são alinhavados no escuro sem dó nem piedade. Vale o dinheiro, a posição. Sem ouvir o partido, Jutahy Magalhães reúne amigos, conversa pelo telefone e anuncia que o PSDB aderiu à campanha do PT de Arlindo Chinaglia. Reaparecem os dossiês, e Raul Jungmann, que foi contra o aumento de deputados e defende eleição limpa, é acusado. A notícia é marota e fala em publicidade do In-cra. Incrimina Jungmann, que à época era ministro do Desenvolvimento Agrário. Fala em pessoas e empresas, mas não dá nomes. Confirma a maldade. Tranqüilo e de olho aberto, Aldo Rebelo guarda o desconforto de quando era ministro de Lula e sofreu o desconforto de ser amigo, mas impróprio. Não arreda o pé e continua candidato. PMDB e PSDB guardam votos que o governo, ávido por controlar, sente fugir das mãos. Até o dia 2 vai correr mais água do que cai no Rio, Minas e São Paulo. Os da seca também são gente e têm direito a decidir na hora do voto. Tristeza ante tanta maldade e ação de comadres.

A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“Eu me alimento da fé, determinação e desafios.”

Ministra Maria Silva resumindo seu currículo de ministra do Meio Ambiente lutando contra a adversidade do norte do país

Qualidade

Juvenal Amaral, presidente do Sinduscon, sente os pés no chão ao ver que o governo prefere nível alto para a construção. Com isso, espera que deslanchem o Parque Capital Digital, Setor Noroeste, Anel Viário e novos prédios públicos necessários. A qualidade está sendo a garantia.

zidos e vendidos no Brasil. Para tanto, contou com o apoio do vice-presidente Pinheiro Neto. Quando a coisa fica difícil, ele põe a pasta debaixo do braço e corre mundo vendendo nossos produtos. A GM do Brasil é das mais prósperas do conjunto empresarial.

Olheiro

O ex-ministro José Dirceu não vive sem política. Mesmo excluído, conversa com amigos e não esquece candidato único para a Câmara. A seu ver, o PT corre o risco de nova derrota. Pior é que, de qualquer forma, Lula está mal. Quem perder alegará que não ganhou por causa do governo.

Homoafetiva

O Ministério das Relações Exteriores reconhece a união de homossexuais nos seus quadros. A vida homoafetiva, desde que comprovada inclusive quanto à co-habitação, dá direito a funcionários estenderem os planos de saúde aos companheiros ou companheiras.

Segurança

O senador Ney Suassuna, mesmo não tendo a reeleição aceita pelo PMDB e o povo da Paraíba, esnobava na Praça do Ó, na Barra da Tijuca. Tomava caldo de cana com pastéis, sem dispensar a presença de quatro seguranças.

Automóveis

Ray Young, presidente da General Motors do Brasil, fixa sua posição na empresa ante o sucesso do ano passado. Mais de 400 mil veículos foram produ-

HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Os inquéritos sociais dizem, aliás, que a classe médica de Brasília é quem vive melhor no Brasil. Nos outros estados, está sufocada entre os ricos e os pobres, sendo pobre obrigado a andar de gravata. Aqui pelo contrário. (Publicado em 10/11/1960)

Para que servem os símbolos nacionais?


JAIME PINSKY
Historiador e professor titular da Unicamp, é autor de vários livros, entre os quais O Brasil tem futuro?

pinsky@editoracontexto.com.br

É bastante comum entre os governos autoritários, de diferentes tipos, a instrumentalização dos símbolos nacionais como forma de identificar o Estado (que é duradouro) com o regime (que é transitório), atribuindo aos ditadores de plantão o papel de corporificar tudo: governo, território e nação. Assim tem sido em sistemas como o nazista, com Hitler se apresentando como manifestação mais perfeita do arianismo, utilizando o hino alemão como pano de fundo para as atrocidades que perpetrou e a bandeira como símbolo material do felizmente fracassado "reich de mil anos".

O comunismo soviético não escapou de destino semelhante. Logo após a revolução russa de 1917, o velho hino nacional czarista foi aposentado e substituído pela Internacional socialista, antinacionalista por excelência. Stalin, que substituiu Lênin no poder, mandou fazer novo hino, apresentando a então União Soviética como o farol dos povos e o próprio secretário do Partido Comunista (Stalin) como aquele que segurava o farol. Após a morte do sanguinário georgiano e a revelação de seus crimes, houve mudança na letra no hino.

Hinos, bandeiras, datas cívicas têm por função ajudar a estabelecer uma relação de

identidade entre os cidadãos e o país em que moram e isso acontecia no Brasil nos anos 50 do século passado. Os da minha geração e até mais jovens lembram-se de, quando estudantes, ter cantado o Hino nacional em certas datas durante o hasteamento da bandeira. Nós, do glorioso Colégio Estadual de Sorocaba (o "Estadão" para os íntimos e os desafetos), desfilávamos todo dia 7 de setembro sob o ritmo de nossa fanfarra e os aplausos da população que lotava as calçadas das ruas centrais da cidade. E sentíamos muito orgulho disso.

O governo militar, instituído pela força das armas em 1964, tentou apropriar-se dos símbolos nacionais para enaltecer sua maneira de ver o mundo, governar, fazer política e lidar com os que não concordavam com suas idéias. O nacionalismo dos militares, principalmente nos anos 70, convidava os discordantes a se mudarem de país, com a famosa frase (nada original, por sinal) "Brasil, ame-o ou deixe-o". Ao contrário do que afirma Milton Nascimento em sua canção "qualquer maneira de amor vale a pena", eles eram os donos da verdade, do patriotismo, da nação e quem discordasse teria mais era que dar o fora.

Ocorre que muita gente não aceitava a forma de eles amarem o país e também não achava razoável a idéia de sair do Brasil. Entretanto, de uma forma ou de outra, os militares acabaram tendo sucesso em um ponto: a maior parte dos símbolos nacionais passou a ser identificada como sendo símbolos do governo militar. De 20 anos para cá se iniciou uma reação contra a utilização desses símbolos, por parecerem a muitos uma espécie de referência aos governantes pouco amados. Isso ocorreu de uma manei-

ra muito especial nas escolas. A letra de nosso hino (que, por sinal, mereceria boa revisão, não é?) foi esquecida, as datas nacionais abandonadas, a não ser por aqueles que se programam para "emendar" feriados e ir para a praia. A bandeira, então, só é lembrada com fervor (até excessivo) a cada quatro anos, por ocasião das Copas do Mundo.

Ao rejeitar a forma de apropriação de nossos símbolos comuns, queremos jogar fora um passado que negamos. O perigo é jogar fora o bebê junto com a água suja do banho. Quando a Federação Paulista de Futebol determinou que o Hino nacional fosse cantado antes dos jogos realizados sob sua responsabilidade, muita gente ridicularizou a medida. Não sei por que palmeirenses e corintianos não podem, antes de cada um torcer pelo seu clube, mostrar que possuem um elo comum que se chama identidade nacional. Quem sabe isso até ajude a conter um pouco a violência nos estádios.

As datas cívicas, por seu lado, podem e devem ser comemoradas nas escolas. Repensadas, estudadas, debatidas, mas comemoradas. A professora Circe Bitencourt – após um trabalho de dois anos, feito com a colaboração de dezenas dos mais relevantes historiadores do país – acaba de escrever um livro, em vias de publicação, o Dicionário de datas da História do Brasil. Sem ranço nacionalista, mas sem vergonha de serem brasileiros, os autores colocam, lado a lado, datas tradicionais com outras que adquiriram maior importância nos últimos anos e analisam seus significados, segundo as pesquisas mais recentes. Iniciativas como essas podem representar a vontade que temos de retomar símbolos de nossa identidade.